

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **A evolução dos Estudos de Segurança Internacional**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, 576p.

Ricardo Spader¹

A obra em questão tem por título "A evolução dos Estudos de Segurança Internacional", publicado em 2009, pelos pesquisadores Barry Buzan e Lene Hansen. Barry Buzan é um renomado acadêmico britânico especialista em Relações Internacionais (RI) e na Teoria da Segurança, conhecido internacionalmente pelos seus livros e artigos sobre Segurança Internacional e Teoria das RI. Assim como Buzan, Lene Hansen é uma acadêmica e professora dinamarquesa mundialmente reconhecida no campo dos Estudos Críticos de Segurança e RI, com destaque aos estudos contemporâneos de segurança.

Em colaboração com outros pesquisadores, Buzan e Hansen desempenharam papel fundamental como fundadores do Centro de Estudos de Segurança da Universidade de Copenhague. Nesse ambiente, eles desenvolveram projetos de grande relevância no âmbito da segurança internacional. A abordagem inovadora que eles propuseram, conhecida como "Teoria da Securitização", trouxe uma perspectiva única para compreender como determinadas questões são transformadas em questões de segurança pela sociedade. Suas pesquisas impactaram significativamente a percepção das dinâmicas globais de poder, tornando-se referências fundamentais no campo das RI.

Na literatura em pauta, ambos realizaram uma investigação detalhada sobre a trajetória do campo de Estudos de Segurança Internacional (ESI) ao longo do tempo, identificando as principais correntes teóricas e conceituais que moldaram a compreensão da segurança global. No início, os ESI eram considerados uma área de estudo independente, mas rapidamente foram incorporados como uma subárea das RI, que também estava experimentando um rápido desenvolvimento de forma simultânea. Diante disso, os autores escreveram o livro de forma a realizar uma análise abrangente da evolução dos ESI ao longo do tempo, explorando diferentes abordagens teóricas e conceituais que moldaram a compreensão sobre a segurança global. A meta deles não foi identificar a melhor ou única teoria de segurança internacional, nem tampouco fundir todas as diversas teorias abrangidas pelos ESI para formar uma teoria absoluta. Em vez

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares - Instituto Meira Mattos.

disso, o objetivo dos autores foi traçar uma história intelectual detalhada sobre como as diferentes abordagens moldam as posições nos debates sobre ESI.

Ambos relatam que estudiosos do campo da segurança ainda não haviam produzido uma narrativa intelectual da história dos ESI como um todo, sendo este livro uma tentativa tardia de preencher essa lacuna. Nesse sentido, as análises históricas trazidas no livro distinguem das abordagens usuais descritas nos manuais de ensino padrão típicas dos estudos das Teorias das RI. Como pano de fundo, o autor destaca que os ESI são predominantemente uma disciplina ocidental, amplamente praticada em regiões como a América do Norte, Europa e Austrália, trazendo consigo todas as implicações da perspectiva ocidental, o que baliza as análises realizadas ao longo do livro.

Assim, o primeiro capítulo apresenta uma análise mais detalhada dos desafios inerentes à definição dos ESI, com a inclusão de obras literárias autodenominadas como ESI ou que se alinham com abordagens específicas dentro desse campo. Assim, é proposto que a compreensão dos ESI, e das discussões que os envolvem, possa ser enquadrada por meio de quatro questões-chave (relativas ao objeto de estudo, a localização das ameaças, o setor de segurança e a visão política de segurança). Além disso, argumenta-se que o conceito de segurança se baseia em três formas ou conceitos inter-relacionados: complementares, paralelos e opostos. O Capítulo 2 examina os conceitos fundamentais que são o cerne dos ESI: o Estado, o governo, a soberania e a autoridade, explorando sua evolução histórica. Além disso, explora-se a importância da epistemologia e suas influências cruciais sobre os ESI. O Capítulo 3 discute as cinco forças motrizes que moldaram a origem e a evolução dos ESI. Esses três capítulos iniciais estabelecem o contexto utilizado nos capítulos 4 a 8, para embasar o estudo em questão.

Os capítulos 4 e 5 concentram-se no período da Guerra Fria. O Capítulo 4 analisa a perspectiva tradicionalista, abordando o auge dos Estudos Estratégicos e sua subsequente decadência. O Capítulo 5 explora visões contrárias provenientes da Pesquisa de Paz, do Controle de Armamentos e das perspectivas expandidas (econômicas e de segurança ambiental) e aprofundadas (feministas, pós-estruturalistas) que emergiram na década de 1980. Os capítulos 6 e 7 concentram-se no período após o término da Guerra Fria até o ataque terrorista de 11 de Setembro de 2001, nos Estados Unidos. Novamente, a perspectiva política-militar tradicional é protagonizada e, em seguida, explora-se os desafios ampliadores e aprofundadores que emergiram, muitos dos quais operam em contextos substancialmente diferentes dos da Guerra Fria.

Finalmente, o capítulo 8 aborda o breve período que se segue aos eventos de 11 de Setembro, buscando avaliar o impacto desse acontecimento significativo em todas as vertentes dos ESI. O Capítulo 9 resume as principais conclusões sobre a evolução dos ESI, reconsidera a relevância do quadro das forças motrizes para explicar essa evolução e lança considerações sobre os cenários prospectivos dos ESI.

Segundo o autor, embora o conceito de segurança tenha emergido como uma ideia central no período pós-Segunda Guerra Mundial, as implicações de compreender esse assunto de maneira mais ampla, e não apenas restrita ao âmbito político-militar, só foram plenamente percebidas a partir dos anos 1970. Durante a maior parte desse período, os ESI eram definidos predominantemente por uma abordagem militar, focada em questões relacionadas a armas nucleares e fundamentada na crença de que a União Soviética representava uma ameaça profunda tanto militar quanto ideologicamente para o Ocidente.

Com a aproximação de uma Nova Ordem Mundial, o alcance original do termo segurança passou a ressurgir, e novas perspectivas para a solução de problemas de caráter global ganhavam força, favorecendo processos de institucionalização para ampliar a agenda dos ESI para além das premissas estadocêntricas típicas da Guerra Fria. Paulatinamente, outras faces da segurança, diferentes da expressão militar, como a econômica e a ambiental, se expandiram nas agendas internacionais das grandes potências, e a elas se somaram, durante os anos 1990, às vertentes da segurança societal, humana e alimentar (BUZAN *et al*, 1997).

Ademais, o livro esclarece que a expansão dos ESI resultou em um aprofundamento literário em direção a múltiplos fluxos distintos, mas interconectados. Além dos Estudos Estratégicos e da Pesquisa pela Paz, que possuíam uma abordagem mais tradicional e centrada no campo militar, também surgiram os Estudos Críticos de Segurança, os Estudos Feministas de Segurança, a Escola de Copenhague, o Pós-Estruturalismo e os Estudos Construtivistas de Segurança.

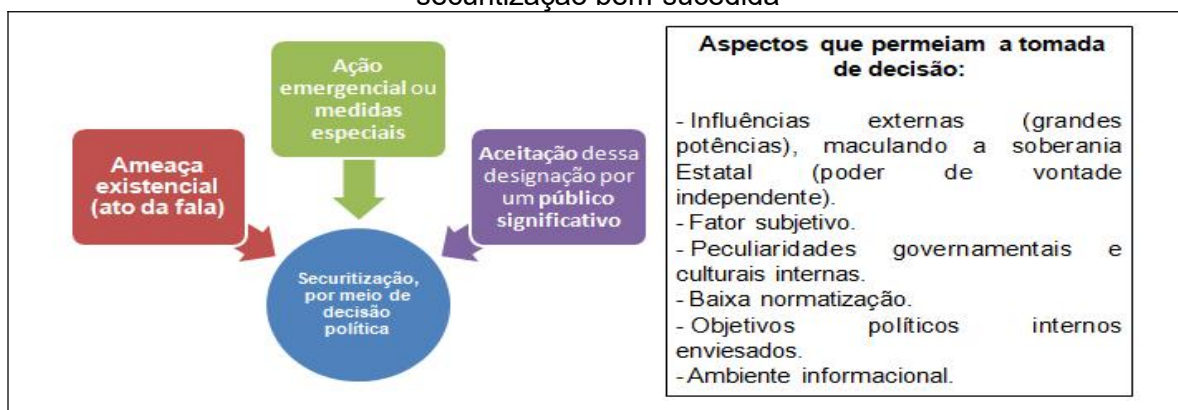
Nesse contexto, a abordagem histórica trazida pelos autores, mesmo que superficial, mostra como as estruturas mais profundas dos ESI se desenvolveram e como são perpetuadas ou contestadas, permitindo conceber de forma mais dinâmica o desenvolvimento da literatura, em contraste com a organização dos ESI em eixos temáticos de antigamente. Uma análise dos ESI desprovido de dimensão histórica não ofereceria uma compreensão sólida do motivo pelo qual determinadas abordagens surgiram na pauta, qual era sua relação com abordagens anteriores e contemporâneas, e

o porquê de algumas delas desaparecerem. Logo, a abordagem dos ESI realizada no livro tem a vantagem de abranger uma ampla variedade de campos temáticos e empíricos que, por sua vez, motiva os acadêmicos a se esforçarem para estudar algo inédito, a partir de princípios já desenvolvidos e, agora, documentados em uma sequência lógica.

Ademais, rememorando a concepção de Wolfers (1951, p. 491-492), a literatura se destaca ao adotar o conceito-chave de "segurança" em vez de se limitar a "defesa" ou "guerra", uma virada conceitual que ampliou o escopo de estudo para abranger uma série mais ampla de questões políticas. Ainda, revela que os ESI tornaram-se um empreendimento de natureza civil mais acentuada do que o delineado pela literatura anterior, que tinha enfoque mais militar e estratégico. Assim, a perspectiva de Buzan e Hansen salienta a importância e a necessidade de adotar abordagens colaborativas e multissetoriais para compreender e enfrentar os desafios de segurança contemporâneos.

O livro também apresenta o conceito de "securitização", um ponto fundamental previamente desenvolvido por Buzan em trabalhos anteriores (BUZAN *et al*, 1997). A obra explora como questões específicas são elevadas à categoria de questões de segurança por atores políticos, algo que pode ter implicações substanciais nas políticas e percepções de segurança. Distintamente da concepção clássica (WOLFERS, 1951, p. 485), a "segurança" não é vista como uma condição objetiva ou subjetiva, mas como resultado de um processo social: a construção social das questões de segurança é examinada por meio da análise dos "atos de fala securitizantes", por meio dos quais ameaças são reconhecidas por um público significativo e definidas como uma "ameaça existencial", exigindo medidas extraordinárias além das normas da política cotidiana.

Figura 1: Teoria da Securitização para a Escola de Copenhague: elementos da securitização bem-sucedida



Fonte: BUZAN, 1997, p. 27; SAINT-PIERRE, 2011, p. 420; WILLIAMS, 2003, p. 521 (adaptado).

No entanto, alguns autores defendem que a securitização de uma ameaça também depende de outros fatores, como o contexto geopolítico, histórico, cultural e institucional de cada país, o ambiente informacional e as influências da política externa das grandes potências, o que configura uma lacuna os estudos de Buzan e Hansen (SAINT-PIERRE, 2011, p. 420; WILLIAMS, 2003, p.521).

Nesse escopo, contextualizando a evolução dos ESI para o cenário brasileiro de maior vulto, ressalta-se a securitização do bioma amazônico. O Estado Brasileiro tem securitizado a preservação da Floresta Amazônica por meio de um processo de politização das ameaças que a degradam, resultando em medidas emergenciais caracterizadas pelo emprego das suas Forças Armadas, de forma a garantir a segurança humana em nível global (BRASIL, 2019, p.40).

Todavia, devido ao protagonismo brasileiro nas questões ambientais, esse tema tem sido marcado por interferências indiretas da comunidade internacional na sua soberania, mediante o controle de uma agenda ambiental (CASTRO, 1992). Pode-se, inclusive, levantar uma crítica à ideia de uma agenda de ameaças globais comuns, sob a narrativa da manutenção da segurança internacional. Isso quer dizer que, apoiada nas tendências construtivistas de segurança, a sociedade internacional pode estar impondo uma ameaça subjetiva para o Brasil, de maneira unilateral (SAINT-PIERRE, 2011). Dessa forma, pautada na evolução ESI e nos processos de securitização do ambiente amazônico, cresce de importância o Estado Brasileiro envidar esforços colaborativos para mitigar essas novas tendências, bem como aos desafios futuros dela oriundos, as quais exigirão um alinhamento de esforços envolvendo todas as expressões do Poder Nacional.

Destarte, pode-se depreender da análise realizada que a obra mostra-se como uma pesquisa científica bastante atual, inovadora, de alta qualidade e de alcance multidisciplinar. Portanto, a leitura do livro justifica-se por tratar de assunto de irrefutável relevância, que busca extrapolar a forma compartimentada com que o tema era tratado.

Por fim, diante da análise da obra em pauta e, particularmente, voltando-se para a atual tendência da securitização da Amazônia Brasileira, a leitura da obra de Buzan e Hansen apresenta-se como uma tarefa recomendável para militares e civis que se dedicam aos estudos de segurança e defesa, configurando-se uma fonte de alto valor agregado para a Defesa Nacional.

Referências

BRASIL. Ministério da Defesa. **Defesa e Meio Ambiente**: preparo com sustentabilidade. Brasília, DF, 2019.

BUZAN, Barry *et al.* **Security**: A New Framework for Analysis. Lynne Rienner Publishers, v. 3, f. 126, 1997. 252 p.

CASTRO, Therezinha. Amazônia: **geopolítica do confronto e geoestratégia da integração**. A Defesa Nacional, n. 755, jan./mar.1992.

SAINT-PIERRE, Hector. "Defesa" ou "Segurança"? Reflexões em torno de Conceitos e Ideologias. **Contexto Internacional**. vol. 33, n. 2, jul/dez 2011, pp. 407-433, 2011.

WILLIAMS, Michael C. Words, Images, Enemies: Securitization and International Politics. **International Studies Quarterly**. Vol. 47, No. 4, pp. 511-53, 2003.

WOLFERS, Arnold. "**National Security**" as an Ambiguous Symbol, v. 67, f. 481-502. 1951. (n.4).

Recebido em 24 de Agosto de 2023.

Publicado em 11 de Outubro de 2023.